

**Educação integral e desenvolvimento socioemocional: contribuições para a formação humana e para os processos de ensino e aprendizagem na escola pública contemporânea.**

Comprehensive education and socio-emotional development: contributions to human formation and teaching and learning processes in contemporary public schools.

Maria Edileide de Souza Castro<sup>1</sup>

**RESUMO**

As profundas transformações sociais, culturais e tecnológicas observadas nas últimas décadas têm produzido impactos significativos nos processos educativos, exigindo da escola respostas que ultrapassem a dimensão estritamente cognitiva da aprendizagem. Nesse contexto, a educação integral emerge como uma perspectiva capaz de reconhecer o estudante em sua totalidade, considerando aspectos intelectuais, emocionais, sociais, culturais e éticos que compõem a experiência humana. O presente artigo tem como objetivo analisar a relação entre educação integral e os aspectos emocionais que atravessam o processo de ensino e aprendizagem na escola pública contemporânea. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, fundamentada em autores que discutem formação humana, desenvolvimento socioemocional, educação integral e aprendizagem. A análise evidencia que os processos emocionais exercem influência direta sobre o desenvolvimento cognitivo, sobre a construção dos vínculos escolares e sobre a permanência dos estudantes na escola. Conclui-se que a educação integral representa importante possibilidade para a construção de práticas pedagógicas mais humanizadas, capazes de responder às demandas contemporâneas sem perder de vista a centralidade da pessoa humana no processo educativo.

**Palavras-chave:** Educação Integral. Formação Humana. Aprendizagem. Emoções. Escola Pública. Desenvolvimento Socioemocional.

## ABSTRACT

The profound social, cultural, and technological transformations observed in recent decades have produced significant impacts on educational processes, requiring responses from schools that go beyond the strictly cognitive dimension of learning. In this context, integral education emerges as a perspective capable of recognizing the student in their entirety, considering the intellectual, emotional, social, cultural, and ethical aspects that make up the human experience. This article aims to analyze the relationship between integral education and the emotional aspects that permeate the teaching and learning process in the contemporary public school. This is a qualitative bibliographical research, grounded in authors who discuss human formation, socio-emotional development, integral education, and learning. The analysis highlights that emotional processes exert a direct influence on cognitive development, on the building of school bonds, and on student retention. It is concluded that integral education represents an important possibility for building more humanized pedagogical practices, capable of responding to contemporary demands without losing sight of the centrality of the human being in the educational process.

**Keywords:** Integral Education. Human Formation. Learning. Emotions. Public School. Socio-emotional Development.

## 1 INTRODUÇÃO

A educação contemporânea encontra-se diante de desafios que extrapolam os limites tradicionalmente atribuídos à escola. Embora a função social da instituição escolar continue relacionada à produção e socialização do conhecimento, as transformações ocorridas na sociedade nas últimas décadas impuseram novas demandas aos sistemas educacionais e aos profissionais da educação. Questões relacionadas à saúde emocional, ao fortalecimento dos vínculos sociais, à construção da identidade e ao desenvolvimento integral dos estudantes passaram a ocupar espaço crescente nos debates educacionais, evidenciando a necessidade de uma compreensão mais ampla dos processos de ensino e aprendizagem.

O avanço das tecnologias digitais, a intensificação das desigualdades sociais, as mudanças nas estruturas familiares e as transformações nas formas de interação social têm produzido impactos significativos sobre a vida de crianças, adolescentes e jovens. Esses impactos não permanecem restritos aos espaços familiares ou comunitários; manifestam-se diariamente no ambiente escolar por meio de dificuldades de concentração, desmotivação, conflitos interpessoais, sentimentos de inadequação, ansiedade, insegurança e outras formas de sofrimento emocional que atravessam a experiência educativa.

Nesse cenário, torna-se cada vez mais difícil sustentar concepções de ensino fundamentadas exclusivamente na transmissão de conteúdos. A realidade da escola pública demonstra que o estudante não chega à sala de aula apenas com suas capacidades cognitivas. Ele chega carregando histórias, experiências, emoções, expectativas, medos e desafios que influenciam diretamente sua relação com a aprendizagem. Ignorar essas dimensões significa compreender apenas parcialmente o fenômeno educativo.

A relevância dessa discussão tornou-se ainda mais evidente após a pandemia da COVID-19. Relatórios internacionais apontam que os impactos emocionais decorrentes do isolamento social continuam repercutindo no cotidiano escolar, afetando a aprendizagem, a convivência e a permanência dos estudantes. Segundo a Organização Mundial da Saúde, aproximadamente um em cada sete adolescentes apresenta algum transtorno relacionado à saúde mental, sendo ansiedade, depressão e sofrimento emocional persistente os quadros mais recorrentes nessa faixa etária (WHO, 2023).

Da mesma forma, estudos desenvolvidos pelo UNICEF (2024) demonstram que o fortalecimento dos vínculos escolares constitui um dos fatores mais importantes para a recuperação da aprendizagem e para a redução dos riscos de abandono escolar. Esses dados reforçam a necessidade de compreender a educação para além da dimensão cognitiva, reconhecendo a influência das emoções sobre os processos de desenvolvimento humano.

Diversos organismos internacionais passaram a destacar a necessidade de fortalecimento das dimensões socioemocionais da educação. Relatórios produzidos pela UNESCO e pelo UNICEF apontam que a recuperação da aprendizagem no contexto pós-pandemia exige não apenas estratégias voltadas para conteúdos acadêmicos, mas também ações relacionadas ao acolhimento, ao fortalecimento dos vínculos escolares e ao desenvolvimento da saúde emocional dos estudantes (UNESCO, 2021; UNICEF, 2022).

Nesse contexto, a educação integral ganha relevância como perspectiva capaz de ampliar a compreensão sobre o papel da escola. Diferentemente das abordagens que reduzem a formação escolar ao desenvolvimento cognitivo, a educação integral propõe uma visão ampliada do sujeito, reconhecendo que o processo educativo envolve dimensões intelectuais, emocionais, sociais, culturais, éticas e políticas (GADOTTI, 2009).

Essa compreensão encontra respaldo na própria Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estabelece competências relacionadas ao autoconhecimento, à empatia, à cooperação, à responsabilidade e à participação cidadã (BRASIL, 2018). Tais competências evidenciam que a formação humana não pode ser dissociada da aprendizagem escolar, exigindo práticas pedagógicas capazes de integrar diferentes dimensões do desenvolvimento humano.

Ao mesmo tempo, observa-se que os aspectos emocionais da aprendizagem vêm sendo discutidos por diferentes campos do conhecimento. As

contribuições de Wallon (2007), Vygotsky (2007) e Freire (1996), entre outros autores, demonstram que emoções, afetividade e relações sociais desempenham papel fundamental na construção do conhecimento. A aprendizagem não ocorre em um vazio emocional, mas em sujeitos concretos que interpretam o mundo a partir de suas experiências e relações.

Diante dessas considerações, emerge o seguinte problema de pesquisa: **de que forma os aspectos emocionais atravessam o processo de ensino e aprendizagem e como a educação integral pode contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais humanizadas na escola pública contemporânea?**

Partindo dessa problemática, o presente estudo tem como objetivo geral analisar a relação entre educação integral e os aspectos emocionais presentes nos processos de ensino e aprendizagem. Como objetivos específicos, busca-se compreender os fundamentos da educação integral, discutir a influência das emoções sobre a aprendizagem, refletir sobre os desafios emocionais presentes na escola pública contemporânea e identificar possibilidades pedagógicas voltadas para uma formação mais humana e significativa.

A relevância desta pesquisa justifica-se pela necessidade de ampliar o debate sobre formação humana em um contexto marcado pelo crescimento das demandas emocionais no ambiente escolar. Ao discutir a articulação entre educação integral e desenvolvimento emocional, pretende-se contribuir para a construção de reflexões que auxiliem professores, gestores e formuladores de políticas públicas na promoção de práticas educativas mais sensíveis às necessidades contemporâneas dos estudantes.

## **2 METODOLOGIA**

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de materiais já elaborados, constituídos principalmente por livros, artigos científicos, documentos oficiais e produções acadêmicas que possibilitam aprofundar a compreensão de determinado fenômeno.

A escolha dessa metodologia fundamenta-se na natureza do objeto investigado. A relação entre educação integral, formação humana e aspectos emocionais da aprendizagem exige análise teórica capaz de articular diferentes campos do conhecimento, incluindo educação, psicologia do desenvolvimento, políticas educacionais e formação docente.

Foram utilizados como referenciais teóricos autores que discutem educação integral, desenvolvimento humano, aprendizagem e afetividade, destacando-se Freire (1996), Vygotsky (2007), Wallon (2007), Arroyo (2013), Gadotti (2009), Libâneo (2013), Morin (2000) e Nóvoa (2009). Também foram analisados documentos normativos e institucionais, especialmente a Base Nacional

Comum Curricular (BRASIL, 2018), além de publicações recentes da UNESCO e do UNICEF relacionadas aos impactos emocionais da pandemia nos sistemas educacionais.

A análise do material bibliográfico foi realizada por meio da técnica de análise temática, buscando identificar categorias recorrentes relacionadas à educação integral, formação humana, desenvolvimento socioemocional, pertencimento escolar e aprendizagem. Essa abordagem permitiu compreender convergências teóricas e interpretar contribuições dos diferentes autores para a compreensão do objeto investigado.

### **3 EDUCAÇÃO INTEGRAL E FORMAÇÃO HUMANA: FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS**

A compreensão contemporânea de educação integral encontra suas raízes em diferentes movimentos pedagógicos que defenderam a necessidade de uma formação mais ampla e humanizadora. Embora o conceito tenha adquirido novas configurações ao longo do tempo, sua essência permanece vinculada à ideia de desenvolvimento pleno do ser humano.

No contexto brasileiro, Anísio Teixeira foi um dos principais defensores dessa perspectiva. Inspirado pelos princípios da Escola Nova, o educador propunha uma escola pública democrática, capaz de promover não apenas a transmissão de conhecimentos acadêmicos, mas também experiências culturais, artísticas, sociais e comunitárias que contribuíssem para a formação cidadã dos estudantes (TEIXEIRA, 1994).

Para Anísio Teixeira, a educação deveria preparar os indivíduos para a vida em sociedade, fortalecendo a participação democrática e ampliando as possibilidades de desenvolvimento humano. Sua proposta ultrapassava a lógica tradicional do ensino centrado exclusivamente em conteúdos, defendendo uma escola comprometida com a formação integral da pessoa.

A defesa de uma formação ampla também pode ser observada em diferentes correntes pedagógicas que compreendem o ser humano como sujeito histórico, social e cultural. Nessa perspectiva, educar não significa apenas transmitir informações, mas contribuir para o desenvolvimento das capacidades necessárias à participação crítica na sociedade.

Ao longo das últimas décadas, entretanto, o conceito de educação integral passou a sofrer interpretações distintas. Em muitos contextos, foi associado quase exclusivamente à ampliação da jornada escolar. Embora o aumento do tempo de permanência dos estudantes na escola possa favorecer experiências formativas mais diversificadas, ele não constitui, isoladamente, garantia de formação integral.

Gadotti (2009) alerta que a educação integral não deve ser confundida com tempo integral. Enquanto o tempo integral refere-se à ampliação da permanência física do estudante na instituição, a educação integral diz respeito

a uma concepção pedagógica que reconhece a multidimensionalidade do desenvolvimento humano. Trata-se de compreender que aprender envolve muito mais do que adquirir conteúdos disciplinares.

Essa compreensão torna-se particularmente relevante diante dos desafios contemporâneos. Em uma sociedade marcada pela complexidade, pela velocidade das transformações e pela ampliação das desigualdades, a escola é chamada a contribuir para a formação de sujeitos capazes de interpretar criticamente a realidade, estabelecer relações saudáveis e participar ativamente da construção da vida coletiva.

Edgar Morin (2000) argumenta que um dos grandes desafios da educação contemporânea consiste em superar a fragmentação do conhecimento. Para o autor, a compreensão da condição humana exige abordagens capazes de integrar diferentes dimensões da experiência, reconhecendo a complexidade dos fenômenos sociais e educacionais.

Essa perspectiva dialoga diretamente com os princípios da educação integral. Ao reconhecer que o ser humano não pode ser reduzido a uma única dimensão, a educação integral propõe uma formação que articula conhecimento, cultura, ética, cidadania, sensibilidade e participação social.

A Base Nacional Comum Curricular reforça essa concepção ao estabelecer dez competências gerais que orientam o desenvolvimento dos estudantes ao longo da educação básica. Entre essas competências encontram-se aspectos relacionados ao autoconhecimento, à empatia, à cooperação, à responsabilidade, à argumentação e à construção de projetos de vida (BRASIL, 2018).

Tal orientação demonstra que a educação contemporânea não pode limitar-se ao desenvolvimento cognitivo. A aprendizagem escolar deve contribuir para a formação de sujeitos capazes de lidar com desafios pessoais, sociais e profissionais em contextos cada vez mais complexos.

Nesse sentido, a formação humana constitui elemento central da educação integral. Mais do que preparar indivíduos para o mercado de trabalho ou para avaliações externas, a escola é chamada a contribuir para o desenvolvimento de pessoas capazes de compreender a si mesmas, relacionar-se com os outros e atuar de forma ética e responsável na sociedade.

Miguel Arroyo (2013) destaca que a formação humana exige o reconhecimento dos estudantes como sujeitos de direitos. Essa compreensão implica considerar suas histórias, experiências, culturas e formas de interpretar o mundo. A escola deixa de ser vista apenas como espaço de transmissão de saberes e passa a ser compreendida como ambiente de produção de sentidos, construção de identidades e fortalecimento da cidadania.

Ao assumir essa perspectiva, a educação integral amplia o alcance da ação educativa. O foco desloca-se da simples aquisição de conhecimentos para a

construção de processos formativos capazes de promover desenvolvimento humano, participação social e transformação da realidade.

É justamente nesse ponto que a discussão sobre os aspectos emocionais da aprendizagem ganha relevância. Se a educação integral reconhece a complexidade do ser humano, torna-se impossível ignorar o papel das emoções na construção do conhecimento. A aprendizagem não ocorre apenas na esfera racional; ela envolve sentimentos, vínculos, expectativas, medos e experiências que influenciam profundamente a forma como os estudantes se relacionam com a escola.

Por essa razão, compreender a influência das emoções sobre os processos educativos torna-se condição indispensável para a construção de práticas pedagógicas coerentes com os princípios da formação humana e da educação integral.

#### **4 AS EMOÇÕES COMO DIMENSÃO CONSTITUTIVA DA APRENDIZAGEM**

A relação entre emoção e aprendizagem tem sido objeto de interesse de diferentes campos do conhecimento, especialmente da psicologia, da pedagogia e das neurociências. Embora durante muito tempo tenha predominado uma visão que separava razão e emoção, as pesquisas contemporâneas demonstram que essas dimensões encontram-se profundamente interligadas.

Historicamente, a tradição escolar valorizou o desenvolvimento cognitivo em detrimento das experiências emocionais dos estudantes. O conhecimento era frequentemente tratado como algo neutro, desvinculado das vivências afetivas e das relações sociais. Nessa perspectiva, aprender significava essencialmente acumular informações e desenvolver habilidades intelectuais.

Entretanto, essa compreensão mostrou-se insuficiente para explicar a complexidade dos processos de aprendizagem. Estudos desenvolvidos ao longo do século XX evidenciaram que emoções, afetividade e relações interpessoais exercem influência significativa sobre o desenvolvimento cognitivo.

Henri Wallon foi um dos principais autores a questionar a separação entre emoção e inteligência. Para ele, a afetividade ocupa posição central no desenvolvimento humano, influenciando diretamente a construção da personalidade e das capacidades cognitivas. Segundo Wallon (2007), emoção e inteligência não constituem processos independentes, mas dimensões que se articulam continuamente ao longo da vida.

A teoria walloniana destaca que a emoção representa uma das primeiras formas de comunicação do indivíduo com o mundo. Antes mesmo do desenvolvimento da linguagem, o ser humano estabelece relações com o ambiente por meio de expressões emocionais que possibilitam interação, proteção e construção de vínculos.

Essa compreensão possui importantes implicações educacionais. Se a aprendizagem ocorre em sujeitos emocionalmente constituídos, torna-se impossível compreender o desenvolvimento cognitivo sem considerar as experiências afetivas que acompanham o processo educativo.

As contribuições de Vygotsky reforçam essa perspectiva. Ao enfatizar o caráter social da aprendizagem, o autor demonstra que o conhecimento é construído por meio das interações estabelecidas entre os indivíduos e o contexto em que vivem. Para Vygotsky (2007), pensamento e emoção não podem ser analisados separadamente, pois fazem parte de uma mesma unidade psicológica.

Nessa perspectiva, a aprendizagem é compreendida como processo profundamente relacional. Os estudantes não aprendem apenas porque recebem informações; aprendem porque participam de experiências compartilhadas, estabelecem vínculos e atribuem significado ao conhecimento construído coletivamente.

A influência das emoções sobre a aprendizagem pode ser observada em diferentes situações do cotidiano escolar. Sentimentos como segurança, confiança e pertencimento tendem a favorecer o engajamento dos estudantes nas atividades propostas. Em contrapartida, experiências marcadas pelo medo, pela rejeição ou pela humilhação frequentemente comprometem a participação e a construção do conhecimento.

Diversos estudos contemporâneos têm demonstrado que estados emocionais positivos contribuem para ampliar a atenção, a memória e a motivação para aprender. Por outro lado, situações prolongadas de sofrimento emocional podem interferir significativamente nos processos cognitivos, dificultando a concentração, a resolução de problemas e a capacidade de persistir diante dos desafios.

Isso não significa afirmar que a escola deva transformar-se em espaço terapêutico ou que os conteúdos acadêmicos devam ser substituídos por atividades voltadas exclusivamente ao desenvolvimento emocional. Significa reconhecer que o processo educativo ocorre em sujeitos concretos, cujas emoções participam ativamente da construção da aprendizagem.

Essa compreensão torna-se ainda mais relevante no contexto da escola pública contemporânea, onde muitos estudantes convivem com situações de vulnerabilidade social, conflitos familiares e diferentes formas de sofrimento emocional. Ignorar essas realidades significa desconsiderar fatores que influenciam diretamente o desempenho escolar e a permanência dos estudantes na escola.

A educação integral oferece importante contribuição para enfrentar esse desafio ao reconhecer a inseparabilidade entre desenvolvimento cognitivo e desenvolvimento emocional. Sua proposta de formação humana amplia o olhar sobre a aprendizagem, compreendendo que ensinar envolve também criar

condições para que os estudantes construam autoestima, autonomia, confiança e capacidade de convivência.

Assim, compreender as emoções como dimensão constitutiva da aprendizagem não representa um afastamento da missão acadêmica da escola. Pelo contrário. Trata-se de fortalecer essa missão, reconhecendo que o desenvolvimento intelectual encontra-se profundamente conectado às experiências humanas vividas pelos sujeitos ao longo de sua trajetória educativa.

## **5 O ESTUDANTE REAL: VULNERABILIDADES EMOCIONAIS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS**

Uma das principais contribuições da educação integral para o debate educacional contemporâneo consiste na superação da visão abstrata do estudante. Durante muito tempo, parte significativa das políticas educacionais e das práticas pedagógicas foi construída a partir de um aluno idealizado: disponível para aprender, emocionalmente estável, motivado e cercado de condições favoráveis ao desenvolvimento escolar. Entretanto, a realidade encontrada nas escolas públicas brasileiras revela um cenário muito mais complexo.

O estudante que ocupa hoje as salas de aula é atravessado por múltiplas experiências sociais, culturais e emocionais. Sua trajetória é marcada por contextos familiares diversos, desigualdades econômicas, transformações tecnológicas aceleradas e desafios próprios de uma sociedade caracterizada pela instabilidade das relações e pela intensificação das pressões sociais.

Essa realidade exige que a escola abandone interpretações simplificadoras sobre os processos de aprendizagem. Muitas vezes, dificuldades escolares não decorrem exclusivamente de questões cognitivas, mas refletem situações de sofrimento emocional, insegurança, baixa autoestima ou fragilidade dos vínculos sociais.

Nas últimas décadas, pesquisadores da educação e da psicologia têm chamado atenção para o aumento dos problemas emocionais entre crianças e adolescentes. Relatórios da UNESCO (2021) e do UNICEF (2022) indicam crescimento significativo de sintomas relacionados à ansiedade, tristeza persistente, isolamento social e dificuldades de adaptação, especialmente após a pandemia da COVID-19.

Embora tais fenômenos possuam causas diversas, seus efeitos tornam-se visíveis no ambiente escolar. A dificuldade de concentração, a redução do interesse pelas atividades acadêmicas, os conflitos interpessoais e o aumento da evasão escolar frequentemente estão associados a questões emocionais que atravessam a experiência dos estudantes.

Nesse contexto, torna-se fundamental compreender que o estudante não é apenas sujeito da aprendizagem, mas também sujeito de emoções, relações e

histórias de vida. Cada criança e adolescente chega à escola carregando experiências que influenciam sua forma de interpretar o mundo e de se relacionar com o conhecimento.

Miguel Arroyo (2013) destaca que os estudantes devem ser compreendidos como sujeitos concretos, portadores de trajetórias humanas que não podem ser ignoradas pelos processos educativos. Essa perspectiva desloca o foco das dificuldades para as condições reais em que a aprendizagem ocorre.

Muitas vezes, comportamentos classificados como indisciplina escondem sentimentos de insegurança, frustração ou necessidade de reconhecimento. Da mesma forma, situações interpretadas como desinteresse podem refletir experiências de exclusão ou ausência de sentido em relação à escola.

A adolescência merece atenção especial nesse debate. Trata-se de uma fase marcada por intensas transformações físicas, emocionais e sociais. O processo de construção da identidade, a busca por pertencimento e as pressões relacionadas ao desempenho acadêmico e às expectativas futuras tornam os adolescentes particularmente sensíveis às experiências vividas no ambiente escolar.

Além disso, as redes sociais passaram a exercer influência crescente sobre a construção da autoestima e da identidade juvenil. A comparação constante com padrões idealizados de sucesso, beleza e felicidade pode gerar sentimentos de inadequação e ampliar situações de sofrimento emocional.

A escola pública contemporânea convive diariamente com essas questões. Ignorá-las significa desconsiderar aspectos centrais da experiência educativa. Entretanto, reconhecê-las não implica reduzir os estudantes às suas dificuldades. Pelo contrário. Significa compreender que cada sujeito possui potencialidades, capacidades e possibilidades de desenvolvimento que precisam ser valorizadas.

A educação integral oferece importante contribuição nesse sentido ao propor uma visão ampliada do estudante. Em vez de enxergar apenas resultados acadêmicos, busca reconhecer o sujeito em sua totalidade, valorizando suas experiências, interesses, saberes e formas particulares de aprender.

Assim, compreender o estudante real implica reconhecer que a aprendizagem acontece em sujeitos concretos, marcados por emoções, relações e histórias que influenciam profundamente sua trajetória escolar. Essa compreensão constitui condição indispensável para a construção de práticas pedagógicas verdadeiramente humanizadoras.

## **6 A ESCOLA PÚBLICA DIANTE DO SOFRIMENTO EMOCIONAL INFANTOJUVENIL**

A crescente visibilidade das questões relacionadas à saúde emocional de crianças e adolescentes têm provocado importantes reflexões sobre o papel da

escola pública na contemporaneidade. Embora a instituição escolar não seja responsável por solucionar isoladamente problemas sociais complexos, ela ocupa posição estratégica na identificação, acolhimento e encaminhamento de situações que afetam o desenvolvimento dos estudantes.

O sofrimento emocional infantojuvenil não constitui fenômeno recente. Contudo, as transformações sociais ocorridas nas últimas décadas contribuíram para ampliar sua incidência e visibilidade. Fatores como desigualdade social, violência, fragilidade dos vínculos comunitários, insegurança econômica e exposição permanente às mídias digitais compõem um cenário que impacta diretamente a saúde emocional das novas gerações.

A pandemia da COVID-19 intensificou ainda mais esse processo. O isolamento social, a interrupção das atividades presenciais, as perdas familiares e as incertezas vivenciadas durante esse período produziram efeitos significativos sobre o bem-estar emocional de milhões de estudantes.

Ao retornarem às escolas, muitas crianças e adolescentes apresentavam dificuldades relacionadas à convivência social, à regulação emocional e à retomada das rotinas escolares. Em diversos contextos, professores passaram a relatar aumento dos casos de ansiedade, crises emocionais, dificuldades de socialização e comportamentos agressivos.

Essas situações evidenciam que a aprendizagem não pode ser compreendida separadamente das condições emocionais dos estudantes. O sofrimento emocional interfere diretamente na capacidade de concentração, na memória, na motivação e na disposição para participar das atividades escolares.

Entretanto, é importante reconhecer os limites da atuação escolar. A escola não substitui serviços de saúde mental nem assume funções terapêuticas especializadas. Seu papel consiste em criar ambientes acolhedores, identificar sinais de sofrimento e articular ações com outras políticas públicas quando necessário.

Nesse contexto, o acolhimento torna-se elemento central da ação educativa. Acolher significa reconhecer a existência do outro em sua singularidade. Significa criar espaços onde os estudantes possam sentir-se respeitados, ouvidos e valorizados.

O acolhimento não se resume a ações pontuais ou eventos específicos. Trata-se de uma postura institucional que atravessa as relações construídas diariamente no ambiente escolar. Está presente na forma como os estudantes são recebidos, como seus conflitos são tratados e como suas vozes são consideradas nos processos educativos.

A educação integral fortalece essa perspectiva ao compreender que o desenvolvimento humano depende da articulação entre diferentes dimensões da vida. A aprendizagem ocorre de maneira mais significativa quando os estudantes encontram ambientes emocionalmente seguros, capazes de favorecer a construção de vínculos e sentimentos de pertencimento.

Além disso, a escola pode contribuir para o fortalecimento de fatores de proteção emocional. Relações positivas com professores, experiências de participação, reconhecimento das potencialidades individuais e construção de projetos de vida constituem elementos importantes para a promoção do bem-estar e da resiliência.

Outro aspecto fundamental refere-se à formação dos profissionais da educação. Embora professores não sejam especialistas em saúde mental, precisam desenvolver conhecimentos que lhes permitam compreender os impactos das emoções sobre a aprendizagem e identificar situações que demandem atenção específica.

A construção de redes de apoio envolvendo escola, família, serviços de saúde e assistência social também se mostra indispensável. O enfrentamento das questões emocionais exige ações intersetoriais capazes de responder à complexidade dos desafios vividos pelos estudantes.

Dessa forma, a escola pública contemporânea reafirma sua relevância não apenas como espaço de transmissão de conhecimentos, mas também como ambiente de convivência, proteção social e promoção do desenvolvimento humano.

## **7 O PROFESSOR ENTRE O ENSINAR E O ACOLHER**

As transformações sociais e educacionais das últimas décadas modificaram profundamente o exercício da docência. O professor contemporâneo encontra-se diante de demandas que ultrapassam significativamente a transmissão de conteúdos curriculares, exigindo competências relacionadas à mediação de conflitos, construção de vínculos e promoção de ambientes favoráveis à aprendizagem.

Essa realidade tem provocado importantes reflexões sobre a identidade profissional docente. Afinal, qual é o papel do professor em um contexto marcado pelo crescimento das demandas emocionais no ambiente escolar?

A resposta para essa questão exige equilíbrio. Por um lado, é necessário evitar a ampliação excessiva das responsabilidades atribuídas aos educadores. O professor não pode ser transformado em profissional responsável por resolver todos os problemas sociais e emocionais presentes na sociedade. Por outro lado, também não é possível ignorar que as emoções influenciam profundamente o processo educativo.

Paulo Freire (1996) já afirmava que ensinar exige disponibilidade para o diálogo, respeito aos educandos e compromisso com a dignidade humana. Essa compreensão continua atual porque reconhece que a educação é, antes de tudo, uma relação entre pessoas.

O professor ocupa posição privilegiada na vida dos estudantes. Em muitos casos, representa uma das referências mais importantes fora do ambiente

familiar. Sua forma de acolher, escutar e interagir pode contribuir significativamente para fortalecer a autoestima, a confiança e o sentimento de pertencimento dos alunos.

Essa influência não decorre apenas do domínio dos conteúdos, mas da qualidade das relações construídas no cotidiano escolar. Muitas experiências educativas marcantes permanecem na memória dos estudantes não apenas pelo que foi ensinado, mas pela forma como foram tratados e reconhecidos por seus professores.

Ao mesmo tempo, o trabalho docente tornou-se mais complexo. A diversidade de demandas presentes na escola contemporânea exige que os educadores desenvolvam competências relacionais e emocionais capazes de favorecer ambientes de aprendizagem mais acolhedores e participativos.

Isso não significa abandonar o compromisso com o conhecimento acadêmico. Pelo contrário. Significa compreender que o ensino torna-se mais eficaz quando ocorre em contextos marcados pelo respeito, pela confiança e pela valorização dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Além disso, é necessário reconhecer que os próprios professores também enfrentam desafios emocionais significativos. A sobrecarga de trabalho, as pressões institucionais, as dificuldades estruturais e a complexidade crescente das demandas escolares impactam diretamente o bem-estar docente.

Por essa razão, a construção de uma educação integral exige também políticas de valorização profissional, formação continuada e cuidado com a saúde emocional dos educadores.

A docência permanece sendo uma das profissões mais importantes para a construção de uma sociedade democrática. Em um contexto marcado por profundas transformações, o professor continua ocupando papel central na mediação entre conhecimento, formação humana e desenvolvimento integral dos estudantes.

## **8 PERTENCIMENTO, VÍNCULO E APRENDIZAGEM**

Entre os diversos fatores que influenciam o processo de ensino e aprendizagem, o sentimento de pertencimento ocupa posição de destaque. Embora frequentemente associado às relações interpessoais, o pertencimento possui implicações pedagógicas profundas, influenciando a forma como os estudantes percebem a escola, relacionam-se com o conhecimento e constroem expectativas em relação ao próprio futuro.

O conceito de pertencimento refere-se à percepção de fazer parte de um grupo, de um espaço ou de uma comunidade na qual a presença do sujeito é reconhecida e valorizada. No ambiente escolar, essa percepção manifesta-se quando os estudantes sentem que suas experiências, opiniões e identidades possuem significado dentro da instituição.

Diversos estudos têm demonstrado que o sentimento de pertencimento exerce influência direta sobre a participação, o engajamento e a permanência dos estudantes na escola. Quando os alunos percebem que são respeitados e reconhecidos, tendem a desenvolver maior interesse pelas atividades escolares e maior disposição para enfrentar desafios acadêmicos.

Por outro lado, experiências marcadas pela exclusão, pela invisibilidade ou pela desvalorização frequentemente produzem distanciamento emocional em relação à escola. Em muitos casos, o abandono escolar não ocorre de maneira repentina. Ele é precedido por um processo gradual de enfraquecimento dos vínculos que conectam o estudante à comunidade escolar.

Essa realidade torna-se particularmente relevante no contexto da escola pública. Muitos estudantes convivem com situações de vulnerabilidade social e emocional que tornam o sentimento de pertencimento ainda mais importante para sua trajetória educativa. Para esses sujeitos, a escola pode representar um dos poucos espaços de reconhecimento, acolhimento e construção de perspectivas futuras.

A construção de vínculos positivos depende da qualidade das relações estabelecidas no cotidiano escolar. Professores, gestores, funcionários e colegas participam desse processo por meio das interações que constroem diariamente. Pequenas atitudes de respeito, escuta e valorização podem produzir efeitos significativos sobre a forma como os estudantes percebem sua presença na escola.

Freire (1996) destaca que a educação se realiza no encontro entre sujeitos que aprendem e ensinam mutuamente. Essa perspectiva reforça a importância das relações humanas para a construção do conhecimento. Aprender não é apenas apropriar-se de conteúdos; é também participar de uma comunidade onde o sujeito encontra reconhecimento e possibilidades de desenvolvimento.

A educação integral fortalece essa compreensão ao reconhecer que o desenvolvimento humano ocorre por meio das relações. A aprendizagem não é fenômeno exclusivamente individual, mas processo construído coletivamente, mediado pelas interações estabelecidas no ambiente escolar.

Projetos de protagonismo estudantil, espaços de participação democrática, atividades culturais e ações voltadas para a convivência constituem estratégias importantes para fortalecer vínculos e ampliar o sentimento de pertencimento. Essas experiências ajudam os estudantes a perceber que a escola não é apenas um local onde se recebe conhecimento, mas uma comunidade da qual fazem parte e na qual podem exercer papel ativo.

Portanto, pensar a aprendizagem a partir da perspectiva do pertencimento significa reconhecer que o desenvolvimento acadêmico e o desenvolvimento humano encontram-se profundamente interligados. A construção do conhecimento torna-se mais significativa quando o estudante sente que sua presença possui valor e que sua trajetória importa para a comunidade escolar.

## **9 EDUCAÇÃO INTEGRAL E DESENVOLVIMENTO SOCIOEMOCIONAL**

O fortalecimento das discussões sobre desenvolvimento socioemocional representa uma das transformações mais significativas observadas no campo educacional nas últimas décadas. Embora o tema tenha adquirido maior visibilidade recentemente, seus fundamentos dialogam diretamente com concepções pedagógicas que historicamente defenderam a formação integral do ser humano.

O desenvolvimento socioemocional refere-se à capacidade de compreender emoções, estabelecer relações saudáveis, tomar decisões responsáveis, lidar com conflitos e agir de forma ética em diferentes contextos sociais. Essas competências são construídas ao longo da vida por meio das experiências familiares, comunitárias e escolares.

A educação integral oferece importante contribuição para esse processo ao reconhecer que o desenvolvimento humano não pode ser fragmentado. A formação escolar precisa contemplar simultaneamente dimensões cognitivas, emocionais, sociais e éticas, compreendendo que todas participam da construção da identidade e da cidadania.

Nesse contexto, torna-se necessário superar interpretações reducionistas que associam o desenvolvimento socioemocional exclusivamente ao controle comportamental ou à melhoria dos resultados acadêmicos. Embora essas competências possam contribuir para o desempenho escolar, sua finalidade principal está relacionada à formação humana e à construção de condições para uma convivência social mais democrática e respeitosa.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2023) destaca que o fortalecimento das competências socioemocionais tornou-se elemento estratégico para enfrentar os desafios do século XXI. Em uma sociedade marcada pela diversidade, pela complexidade e pelas rápidas transformações, habilidades relacionadas à empatia, cooperação, diálogo e resolução de conflitos assumem importância crescente.

Na escola pública, o desenvolvimento socioemocional adquire relevância ainda maior diante das desigualdades sociais que caracterizam muitos contextos educacionais. Estudantes expostos a situações de vulnerabilidade frequentemente encontram na escola oportunidades importantes para fortalecer autoestima, autonomia e capacidade de participação social.

Entretanto, o desenvolvimento socioemocional não pode ser compreendido como responsabilidade exclusiva de programas específicos ou componentes curriculares isolados. Trata-se de uma dimensão que atravessa toda a vida escolar, manifestando-se na forma como as relações são construídas e como os processos pedagógicos são organizados.

Quando a escola promove ambientes baseados no respeito, na cooperação e na participação, contribui significativamente para o desenvolvimento dessas

competências. Da mesma forma, práticas pedagógicas que valorizam o diálogo e a construção coletiva do conhecimento favorecem experiências formativas mais amplas e significativas.

A educação integral possibilita integrar essas diferentes dimensões sem perder de vista a importância dos conhecimentos acadêmicos. Não se trata de substituir conteúdos por atividades emocionais, mas de reconhecer que o desenvolvimento intelectual ocorre em sujeitos que pensam, sentem, relacionam-se e constroem significados a partir de suas experiências.

Assim, o desenvolvimento socioemocional constitui componente essencial de uma educação comprometida com a formação humana. Sua articulação com os princípios da educação integral amplia as possibilidades de construção de práticas pedagógicas capazes de responder aos desafios contemporâneos sem perder de vista a centralidade da pessoa humana.

## **10 POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS PARA UMA EDUCAÇÃO EMOCIONALMENTE SIGNIFICATIVA**

A construção de uma educação emocionalmente significativa exige mais do que o reconhecimento teórico da importância das emoções. Requer a implementação de práticas pedagógicas capazes de transformar o cotidiano escolar em espaço de aprendizagem, acolhimento e desenvolvimento humano.

Uma das primeiras condições para essa transformação consiste na valorização da escuta pedagógica. Escutar os estudantes significa reconhecer que suas experiências possuem relevância para o processo educativo. Trata-se de criar oportunidades para que expressem opiniões, sentimentos, dúvidas e expectativas sem receio de julgamento ou desqualificação.

A escuta fortalece vínculos e contribui para a construção de ambientes mais participativos. Além disso, permite que professores compreendam melhor as necessidades dos estudantes, favorecendo intervenções pedagógicas mais significativas e contextualizadas.

Outra estratégia importante refere-se ao fortalecimento do protagonismo estudantil. Quando os estudantes participam das decisões relacionadas à vida escolar, desenvolvem maior senso de responsabilidade, autonomia e pertencimento. Projetos coletivos, grêmios estudantis, assembleias escolares e ações comunitárias constituem exemplos de iniciativas capazes de ampliar a participação dos alunos.

As práticas interdisciplinares também apresentam grande potencial para a educação integral. Ao estabelecer conexões entre diferentes áreas do conhecimento e relacioná-las às experiências concretas dos estudantes, favorecem aprendizagens mais contextualizadas e significativas.

Atividades artísticas, culturais e esportivas igualmente desempenham papel relevante. Essas experiências ampliam possibilidades de expressão, fortalecem

vínculos sociais e contribuem para o desenvolvimento de competências socioemocionais fundamentais para a convivência democrática.

A formação continuada dos profissionais da educação constitui outro aspecto indispensável. Professores e gestores precisam de espaços permanentes de reflexão sobre os desafios emocionais presentes na escola contemporânea. Essa formação deve contemplar tanto aspectos teóricos quanto estratégias práticas voltadas para a construção de ambientes mais acolhedores e humanizados.

Também merece destaque a articulação entre escola, família e comunidade. O desenvolvimento emocional dos estudantes depende da qualidade das relações construídas nos diferentes espaços de convivência. Por isso, o fortalecimento de redes de apoio representa elemento fundamental para a promoção de uma educação integral efetiva.

Por fim, torna-se necessário recuperar a dimensão ética da educação. Em tempos marcados pela intensificação das desigualdades e pela fragilidade de muitos vínculos sociais, educar significa também fortalecer valores relacionados à solidariedade, ao respeito, à responsabilidade coletiva e ao compromisso com a dignidade humana.

Essas possibilidades não constituem soluções imediatas para todos os desafios enfrentados pela escola pública. Contudo, representam caminhos concretos para a construção de práticas pedagógicas mais coerentes com os princípios da educação integral e da formação humana.

## **10.1 Educação Integral como Política Pública de Promoção do Desenvolvimento Humano**

Nas últimas décadas, a educação integral deixou de ocupar apenas o campo das discussões teóricas para consolidar-se progressivamente como diretriz das políticas educacionais brasileiras. Esse movimento reflete o reconhecimento de que os desafios contemporâneos da educação não podem ser enfrentados exclusivamente por meio da ampliação do acesso à escola ou do fortalecimento dos conteúdos curriculares. Torna-se necessário compreender o estudante em sua integralidade e promover condições para o desenvolvimento humano em suas múltiplas dimensões.

A aprovação de programas voltados à ampliação da educação integral, especialmente a partir da implementação do Programa Escola em Tempo Integral, reforça essa perspectiva ao reconhecer a necessidade de ampliar oportunidades educativas e fortalecer experiências formativas capazes de promover equidade, cidadania e inclusão social. Contudo, reduzir a educação integral à ampliação da jornada escolar constitui um equívoco que compromete o alcance de seus objetivos mais profundos.

Conforme argumenta Moll (2023), a educação integral deve ser compreendida como uma concepção de formação humana que ultrapassa os limites da

organização do tempo escolar. Trata-se de construir experiências educativas capazes de articular conhecimentos acadêmicos, relações humanas, participação comunitária, desenvolvimento emocional e exercício da cidadania.

Essa compreensão torna-se especialmente relevante diante das desigualdades que caracterizam a realidade educacional brasileira. Em muitos territórios, a escola pública representa uma das poucas instituições capazes de oferecer oportunidades de desenvolvimento cultural, social e humano para crianças e adolescentes. Nesse sentido, a educação integral assume importante papel na promoção da justiça social, ao ampliar possibilidades de participação e fortalecer trajetórias de vida historicamente marcadas pela exclusão.

Entretanto, a efetivação dessa política enfrenta desafios significativos. Limitações estruturais, insuficiência de recursos financeiros, precarização das condições de trabalho docente e dificuldades relacionadas à formação continuada dos profissionais da educação constituem obstáculos que precisam ser enfrentados para que a educação integral alcance seu potencial transformador.

Além disso, permanece o desafio de consolidar uma compreensão ampliada da proposta entre gestores, educadores e comunidades escolares. Quando a educação integral é reduzida à ampliação da carga horária ou à simples oferta de atividades complementares, corre-se o risco de esvaziar sua dimensão formativa e transformadora.

Por essa razão, a consolidação da educação integral exige políticas permanentes de valorização docente, fortalecimento curricular, participação comunitária e promoção da equidade educacional. Somente dessa forma será possível construir experiências educativas comprometidas com a formação humana e com a construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva.

## **11 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo teve como objetivo analisar a relação entre educação integral e os aspectos emocionais que atravessam os processos de ensino e aprendizagem na escola pública contemporânea. A investigação permitiu compreender que emoções, vínculos, pertencimento e relações humanas não constituem elementos periféricos da educação, mas dimensões centrais da experiência formativa.

Ao longo da pesquisa, evidenciou-se que a aprendizagem não ocorre de maneira isolada dos contextos sociais e emocionais vividos pelos estudantes. As contribuições de autores como Wallon, Vygotsky, Freire, Arroyo e Morin demonstram que o desenvolvimento humano envolve a integração entre cognição, afetividade, cultura e participação social. Essa compreensão desafia modelos educacionais centrados exclusivamente na transmissão de conteúdos e reforça a necessidade de práticas pedagógicas mais humanizadas.

A análise também revelou que a escola pública contemporânea enfrenta desafios crescentes relacionados ao sofrimento emocional infanto-juvenil, ao enfraquecimento dos vínculos sociais e às consequências produzidas pelas transformações vividas pela sociedade nas últimas décadas. Nesse cenário, a educação integral emerge como importante possibilidade de fortalecimento da formação humana, ao reconhecer a complexidade dos sujeitos e promover experiências educativas capazes de integrar desenvolvimento cognitivo, emocional, social e ético.

A discussão sobre pertencimento escolar demonstrou que a permanência dos estudantes não depende apenas da matrícula ou da frequência às aulas. Permanecer na escola significa sentir-se parte dela, construir vínculos significativos e reconhecer sentido nas experiências educativas vividas. Dessa forma, o fortalecimento das relações humanas constitui elemento indispensável para a promoção da aprendizagem e para a redução dos processos de exclusão escolar.

Entretanto, a pesquisa também permitiu reconhecer que a educação integral não deve ser idealizada como solução imediata para todos os problemas educacionais. Sua efetivação exige investimentos permanentes em formação docente, infraestrutura, gestão democrática, participação comunitária e valorização das políticas públicas educacionais. Sem esses elementos, corre-se o risco de limitar uma proposta emancipadora a mudanças meramente organizacionais.

Conclui-se, portanto, que os aspectos emocionais constituem dimensão inseparável dos processos de ensino e aprendizagem. Nesse contexto, a educação integral apresenta-se como importante caminho para a construção de uma escola pública mais humana, democrática e comprometida com o desenvolvimento pleno dos estudantes. Educar integralmente significa reconhecer que aprender envolve pensar, sentir, conviver, participar e construir sentidos para a própria existência.

Mais do que preparar indivíduos para avaliações ou para o mercado de trabalho, a educação é chamada a contribuir para a formação de sujeitos capazes de compreender a si mesmos, relacionar-se com os outros e participar criticamente da transformação da sociedade. É nessa perspectiva que a educação integral encontra sua maior relevância: não apenas ensinar conteúdos, mas promover humanidade.

## **REFERÊNCIAS**

ARROYO, Miguel Gonzales. *Currículo, território em disputa*. Petrópolis: Vozes, 2013.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Escola em Tempo Integral*. Brasília: MEC, 2023.

- CASEL. *What is Social and Emotional Learning?* Chicago: Collaborative for Academic, Social and Emotional Learning, 2024.
- COELHO, Lígia Martha Coimbra da Costa. *Educação Integral e Formação Humana*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2022.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GADOTTI, Moacir. *Educação integral no Brasil: inovações em processo*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. São Paulo: Loyola, 2013.
- MOLL, Jaqueline. *Caminhos da Educação Integral no Brasil*. Porto Alegre: Penso, 2023.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000.
- NÓVOA, António. *Professores: imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa, 2009.
- OCDE. *OECD Skills Outlook 2023: Skills for a Resilient Green and Digital Transition*. Paris: OECD Publishing, 2023.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. Campinas: Autores Associados, 2008.
- TEIXEIRA, Anísio. *Educação não é privilégio*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- UNESCO. *Reimaginar nossos futuros juntos: um novo contrato social para a educação*. Paris: UNESCO, 2021.
- UNESCO. *Global Education Monitoring Report 2023*. Paris: UNESCO, 2023.
- UNICEF. *Panorama da Exclusão Escolar no Brasil*. Brasília: UNICEF, 2024.
- UNICEF. *Situação Mundial da Infância 2022*. Nova York: UNICEF, 2022.
- VYGOTSKY, Lev Semionovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- WALLON, Henri. *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Adolescent Mental Health*. Geneva: WHO, 2023.